

HELOÍSA

Tânia Fischer *

Encontrei Heloísa poucas vezes. Sempre foi uma linda mulher, que ocupa espaços com elegância e suave firmeza.

Assim deve ter sido sua presença na vida de Clóvis. A paixão por Heloísa e o amor pelos filhos e netos, ao que parece, foi um traço humano, nunca demasiado humano. Clóvis era um homem que precisava sempre lutar e vencer, em eterno combate com a vida, mas principalmente consigo mesmo.

Haveria o Clóvis que conhecemos sem Heloísa? Difícil dizer. Ao convivermos nas longas reuniões, nos comitês de Brasília, pude ouvi-lo dizer que estava com pressa de encontrá-la, tendo no olhar um brilho adolescente.

Amava as filhas, e parece ter superado todos os complexos freudianos ao acolher os genros como filhos e, é claro, pais dos seus netos, aos quais incutiu a paixão pelo futebol e pela vida.

New York, New York parece ter sido um território de prazeres, como era também as casas nos lugares em que viveram.

O clã teve um patriarca de personalidade múltipla. Alguém que você poderia contar como amigo em momentos difíceis e que deveria respeitar como antagonista no lado oposto, pois sabia defender posições.

Pergunto como uma pessoa com liderança tão expressiva nas instituições das quais participou, que abriu caminhos com agressividade e determinação, que foi um ícone acadêmico admirado e temido, pôde ser tão claramente ancorado na organização familiar, gerida por uma pessoa com poderes que nem Weber daria conta.

Heloísa e Clóvis em constante interseção afetiva, de certa forma, confirmam que a integração social mais básica entre seres humanos é estruturação de outros campos. Ouvi muitas referências à capacidade de Heloísa de fazer das casas em que viveram o espaço da família ampliada, possibilitando, talvez decisivamente, que Clóvis se tornasse Clóvis Machado-da-Silva.

Sempre achamos prematura a morte dos amigos; mas não se pode deixar de reconhecer que ele morreu na plenitude de uma vida muito rica, com poder sobre a ANPAD, instituição que amava, e nos braços de quem o amava.

Heloísa nunca esteve, a meu ver, atrás de um grande homem que se fez notar. Em qualquer lugar que está, ocupa muitos espaços simultaneamente daquela categoria de ser desdobrável de que nos fala Adélia Prado: "Mulher é um ser desdobrável; eu sou".

Tivemos momentos de cumplicidade, Clóvis e eu, em coisas da vida, como na vez, em que ele me encarregou de enviar rosas vermelhas a Heloísa em seu nome; em data especial para ambos.

E é com os versos de outra poeta que concluo este depoimento:

*Não lamentos a pétala que vai,
Rosas franzidas pelo teu jardim,
Eu tenho aroma até nos meus espinhos,
Ao longe o vento vai falando em mim.
E por perder-me
É que me lembram tanto
Por desprender-me é que não tenho fim*

Cecília Meirelles, "O 4º Motivo da Rosa"

* Doutora em Administração pela Universidade de São Paulo/USP. Professora do Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia NPGA/UFBA e do Centro Interdisciplinar em Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS/UFBA. Endereço: Av. Miguel Calmon, s/n. Salvador/BA. Cep: 40.110.170. E-mail: ciags@ufba.br